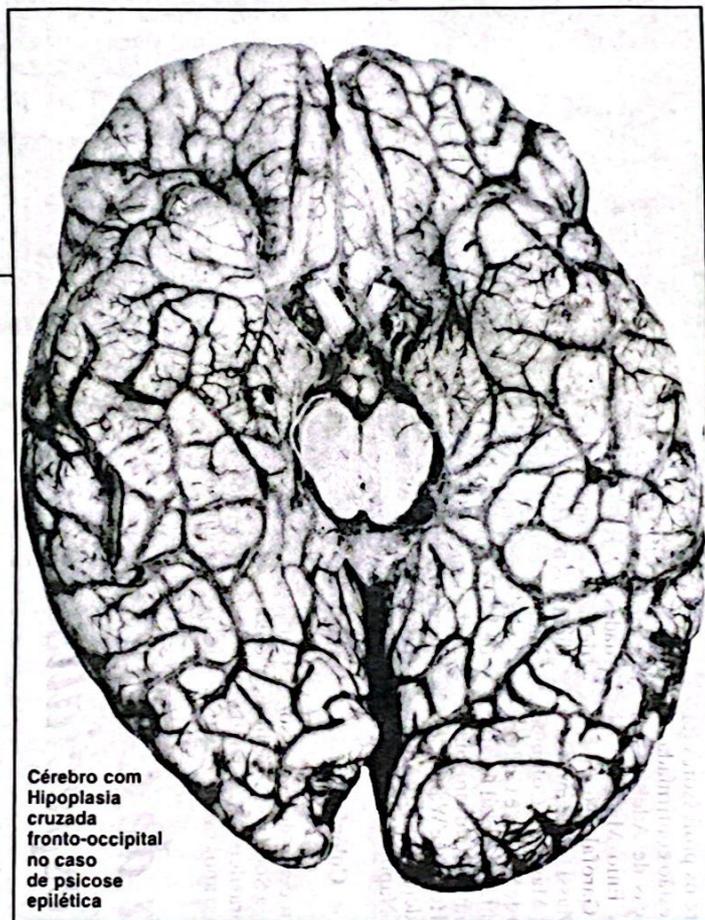


AS GÊMEAS

Da Antipsiquiatria à Antineurologia

Guido Arturo Palomba (*)



Cérebro com Hipoplasia cruzada fronto-occipital no caso de psicose epilética

Era uma vez duas irmãs, gêmeas xifópagas, a Psiquiatria e a Neurologia. Embora essencialmente diferentes (uma *psyché*, outra *soma*), formavam, na existência, substância uma, ainda que composta. A Psiquiatria é mais mente, a Neurologia, mais corpo. Então, uma não podia viver sem a outra, pois não existe operação mental, por mais elevada que seja, que não tenha algo de corpóreo, e não existe operação corpórea, por mais simples que seja, que não tenha algo de anímico. Logo, se porventura a Psiquiatria adoecesse, adoeceria um outro tanto a sua irmã Neurologia, e vice-versa.

No final dos anos 60, início dos 70, apareceu, com David Cooper, uma epidemia, que, utilizando uma entidade nosológica da Psiquiatria, a esquizofrenia, decretou: "Esquizofrenia não é Doença". Seria só um simples rótulo. Isto é, o louco não é louco. Assim, transvestiu a Psiquiatria em Antipsiquiatria.

Claro que todas as idéias, por mais delirantes que sejam, sempre atraem seguidores. Antonio Conselheiro é um bom exemplo, e como esse a história registra vários.

A Antipsiquiatria teve muitos admiradores, destacando-se o incrível Thomas Szasz, que, em sua obra básica (O mito da Doença Mental), teve a cachimônia de dizer que: "Costuma-se definir a psiquiatria como sendo a especialidade médica que se preocupa com o estudo, diag-

nóstico e tratamento das doenças mentais. Trata-se de uma definição inútil e errônea. Tentei demonstrar que, atualmente, a noção de 'doença mental' não é cientificamente válida. A doença mental é um mito".

A sua irmã gêmea, Neurologia, vendo a outra cheia de cortejadores, e não podendo utilizar a esquizofrenia - cujos sintomas aparentes são mais psiquiátricos que neurológicos - para também viver dias de anti alguma coisa, ficou muito enciumada.

Não tolerando essa situação, menosprezada perante os homens radicais, cerca de 10 anos depois pegou uma entidade nosológica com trânsito livre pelas duas especialidades, a epilepsia, e, tal qual a outra com a esquizofrenia, bradou: "Epilepsia não é Doença!".

Como já dito, há seguidores para tudo. Nos Estados Unidos se apresentaram alguns, na Europa, outros, e como não poderia deixar de ser, também cá entre nós brasileiros se lê que não é doença, em letras garrafais.

Se não é doença, que é então? Os médicos - classe erudita - dizem: "é uma síndrome". Os que importaram o idioma via popular dizem: "um síndrome"; e os exagerados: "um síndroma" - entre eles há até gente com anel de grau - e não menos de três erros cometem: gênero, acento e terminação contra as leis de derivação gramatical.

Ao dar o grito inicial, "Epilepsia não é Doença", a Neurologia também conseguiu transvestir-se em Antineurologia, mas não sabia que ondatadas de anti alguma coisa só duram 20 anos, como aconteceu à Antipsiquiatria, que terminou no final dos anos 80. Ora, como a Antineurologia começou no início dos 80, somando vinte, seu término dar-se-á, se tudo correr bem, no final deste século, mais tardar início do próximo.

A Psiquiatria já está livre da praga dos anti, a Neurologia vai ficar. Terminada essa fase, ambas elas adotarão, para a epilepsia, o conceito médico etiológico, já descoberto, cuja causa produz muitos e muitos sintomas neurológicos, às vezes só neurológicos, mas também produz muitos e muitos sintomas psicóticos e comportamentais, às vezes só psicóticos e comportamentais, para contentar a sua irmã xifópaga e não haver briga. Assim, terminará a história, morrerá a Vitória e quem quiser que conte outra.

(*) Guido Arturo Palomba é psiquiatra forense



DUÍLIO

CRISPIM FARINA

GUIDO ARTURO PALOMBA(*)

(*) Oração de Saudação de Guido Arturo Palomba para Duílio Crispim Farina, em sessão solene na APM, em comemoração ao Dia do Médico, durante a entrega da Placa de Prata.

Na qualidade de Diretor Cultural da Associação Paulista de Medicina, cabe-me a honra de dar incumbência ao convite de meus distintos colegas de diretoria para ser o intérprete das homenagens a um dos mais notáveis homens da cultura médica no Brasil, o doutor Duílio Crispim Farina.

Duílio Crispim Farina é a expressão completa da latinidade.

Em breve resumo, por parte de pai herdou a tempera dos visigodos asturianos, cuja história remonta à época das lutas de destemor contra os mouros pela reconquista da Península Ibérica.

Um dia o conde Henrique de Borgonha partiu e com ele lá estava o fidalgo D. Anião Estrada, das terras de Oviedo e Covadonga, que acabou por assentar-se definitivamente em Portugal, na vila de Goes e da Farinha Podre. O seu bisneto, Afonso Farinha, o primeiro do nome, foi um grande cavaleiro dos hospitalários e hoje jaz debaixo do altar principal do Mosteiro de Santa Cruz, ladeado pelas tumbas santificadas de Afonso Henriques e Sancho I, o Provador.

Desse bravo cavaleiro Vossa Excelência, doutor Duílio Crispim Farina, herdaste a latinidade hispânica e portuguesa, Bravura e Amor.

Ainda herdaste por parte de pai a latinidade itálica e francesa, quando um de Vossa augusta grei, no século XVII, com Aragonês, partiu para a Civitas Hippocratica, no golfo de Paestum, hoje salernitano, a sueste de Nápoles, em Baronissi, dando o ramo do marquês Farina, cujo palácio teve o privilégio de conhecer. Outro ramo foi à França viver os sonhos mais altaneiros de liberdade, fé a esperança. Vossa Excelência, doutor Duílio Crispim Farina, tem nas veias o sangue de seu quinto avô, o general Joseph Farina, do exército de Napoleão, o insubmisso às injustiças, como que a afirmar Vosso constante desejo para a existência de uma humanidade mais digna.

Pelo lado materno, senhoras e senhores, o nosso homenageado descende de Antonino Pio, que no dizer de Julius Capitolino era "um grande orador, sábio emérito e respeitoso da lei". Assim também Duílio Crispim Farina é, quando sobe à tribuna rebrota de si o centurião romano mostrando aos legionários as diretrizes inabaláveis do caminho da vitória.

Em suma, toda essa latinidade

UM NO



Duílio Crispim Farina recebe a Placa de Prata

pulsa forte em nobre sangue: França, Itália, Portugal, Espanha, fizeram-no grande brasileiro, paulista das treze listas, *Non Ducor Duco*, mas também *Pro Brasilia Fiant Eximia e Pola Ley, Pola Grey*, os três lemas de sua vida. Nascido paulistano, vem repetindo Feijó: "sou paulista por mercê de Deus"... e assim tem amado São Paulo, o Brasil e a Medicina acima de todas as coisas.

Como médico formou-se na Casa de Arnaldo, turma de 47, e é o seu insigne historiador, cujos relevantes serviços prestados a essa egrégia Faculdade levaram-no a receber a mais rara medalha da Congregação, até hoje concedida somente a menos de dez professores.

NOTÁVEL DA CULTURA MÉDICA



Mãos de Guido Arturo Palomba, no dia 18 de outubro - Dia Nacional do Médico - por sua importância para medicina brasileira

Os escritos científicos, históricos e culturais do doutor Duílio Crispim Farina avultam em artigos de imprensa, em revistas nacionais e estrangeiras, havendo elaborado mais de quinhentos trabalhos e quatorze livros.

É verdadeiramente um polígrafo na acepção exata do termo. Entre outros títulos escreve Sarmento de Gamboa e o Brasil, presença de França na Terra Brasileira, Gauleses nos Chãos Paulistas.

Quanto à medicina redigiu tomos sobre Esculápios Portugueses das Sete Partidas; Medicina e Doença na História de Portugal; Medicina no Planalto de Piratininga; Tempo de Doença, Vida e Morte na

Casa de Bragança; Boticas, Misericórdias e Esculápios em Piratininga de Outora.

Produziu ainda obras sobre o Guarujá, ilha do Guaibe, sobre a Reconquista e as Entradas em Piratininga.

Seus livros são laureados, com eles recebeu dez prêmios, sendo o único que detém cinco José de Almeida Camargo.

A esse propósito, prêmios, medalhas e honorarias, tem muitos, destacando-se o Busto de Hipócrates, recebido em França, cujo cimélio doou a esta Casa à época em que fora Diretor Cultural da Entidade.

Liderança, comando, posições de chefia sempre acabaram ocorrendo naturalmente em sua fecunda vida,

desde à época da mocidade inquieta do estudante de medicina, quando presidiu o Centro de Estudos Osvaldo Cruz, em 1946. Suas inclinações científico-culturais foram despertadas por Raul Carlos Briquet e por Ernesto de Souza Campos. Como ginecologista obstetra clinicou ativamente durante 45 anos, fez mais de dez mil partos, cinco mil cirurgias ginecológicas, dirigiu o Instituto Paulista e foi coordenador do I.N.P.S. do Estado.

Um outro nome tutelar que participou de sua íncita formação foi o saudoso Antonio Carlos Pacheco e Silva, que o iniciou nos misteres da psicologia médica.

Sua necessidade de saber cada

vez maior, levou-o aos principais centros de estudo da mente humana, na Espanha, Portugal, Suíça, para fazer cursos especializados, terminando por aperfeiçoar-se em psicologia médica na Sorbonne. Conhecedor profundo das doutrinas de Krafft-Ebing, Ribot, Gustav Le Bon, Julio de Mattos, Miguel Bombarda, extraiu desses mestres o que há de melhor para unir aos nacionalíssimos Afrânio Peixoto, Franco da Rocha, Pacheco e Silva, de cuja união nasceu, entre outros, o atualíssimo conceito de memória atávica, hoje em pleno desenvolvimento científico por vários países europeus.

Seu estilo de escritor castiço e fluente, que maneja a língua pátria com a destreza de que só os verdadeiros beletristas sabem os segredos, como consequência natural, acabou galgando a imortalidade. Duílio Crispim Farina ocupa a cadeira nº 40 da egrégia Academia Paulista de Letras, cujo lugar, antes dele, fora ocupado por Menotti Del Picchia.

É, com efeito, prezadas senhoras, prezados senhores, privilégio de poucos subir os degraus que levam ao pináculo do reconhecimento e da glória.

Duílio Crispim Farina aí chegou. É membro titular das mais importantes entidades culturais, entre elas, a Academia Mineira de Letras, Academia Paranaense de Letras, além de ser presidente da Academia Hispano-Brasileira de Ciências, Artes e Letras, presidente da Academia Paulista de História, vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, membro da Sociedade da História da Medicina de Paris e membro da Academia Lusíada.

E tanto basta, pois já é tudo para justificar a razão dessa homenagem da Associação Paulista de Medicina ao notável professor paulista.

Professor Doutor Duílio Crispim Farina, entregando-vos a Placa de Prata da nossa Apreciação, confesso-vos que, para todo o sempre, ela será a exteriorização do nosso mais alto apreço ao Vosso grande vulto.

Glória da Medicina e da Pátria. Salve! egrégio professor Farina.

DIREITO À VIDA

Irany Novah Moraes (*)

Os ensaios de futurologia prevêem, para o próximo milênio, grandes transformações na área da Saúde.

Os países desenvolvidos terão futuro promissor. Algumas doenças desaparecerão. Outras serão controladas e algumas poucas serão reduzidas. Essa grande segurança de saúde vai tornando mais longa a vida do cidadão. Cada vez mais ele vai chegar à idade prolecta.

Quanto mais a tecnologia se desenvolve e o protege, mais ela o conduz ao sedentarismo. As possibilidades econômicas estimulam uma ingestão maior de alimento e o conforto o imobiliza. Os dois fatores condicionam maior incidência de doenças cardiovasculares representadas fundamentalmente pela arteriosclerose. Esta é doença degenerativa de causa desconhecida que, lesando a parede da artéria, enfraquece-a, possibilitando sua dilatação ou o estreitamento de sua luz. A dilatação da artéria leva ao chamado aneurisma e o estreitamento de sua luz pode chegar à obstrução total pela trombose. Nestes casos, no órgão irrigado pelo vaso afetado vai faltar sangue - instala-se a isquemia. Se a falta for súbita, ocorrem os chamados infartos, que levam à morte do tecido e, às vezes, do paciente.

Todos os órgãos podem ser vítimas desse processo - coração, cérebro, rins, etc. Evidentemente, a manifestação clínica vai depender do que for afetado. A doença é sistêmica, de instalação lenta, progressiva e inexorável. A este problema está associado o processo de envelhecimento.

O câncer será parcialmente controlável, pois os tipos dependentes de etiologia viral poderão ser evitados e também outros, suscetíveis às vacinas, serão controlados. Os métodos de detecção precoce do mal estarão bem desenvolvidos e os resultados de tratamento terão êxito.

As doenças mentais serão o grande problema do futuro. Hoje há nítido recrudescimento, decorrente das grandes transformações sociais. A migração de população rural para zonas urbanas, em condições precárias de preparo e de difícil adaptação, leva à violência, a suicídios e a desvios sexuais. As neuroses e as psicoses terão curva ascendente de incidência. Algum destes males poderão ter sua causa comprovada como sendo devidas a perturbações enzimáticas. Novos métodos educacionais desenvol-



ver-se-ão na esperança de dirimir muitos destes problemas.

As doenças hereditárias serão minimizadas pela grande manipulação genética, que se prevê com resultados eficientes.

As doenças virais serão controladas por vacinas específicas e, provavelmente, outras de grande espectro. As doenças venéreas serão combatidas pela educação sexual.

Assim restarão, no futuro, três grandes problemas: as doenças cardiovasculares, o câncer e as moléstias mentais; para os países do Terceiro Mundo a fronteira de separação será maior. Os primeiros desinteressar-se-ão do problema dos demais e, sem ajuda, estes ficarão em pior situação.

Essas reflexões levam à convicção de que virão grandes manifestações e, se não quisermos que o Brasil aumente seu descompasso com o progresso, muito se tem a fazer. A comunidade científica deve estudar a essência das transformações para localizar onde agir para alcançar o Primeiro Mundo.

O livro do Prof. Dr. Antônio Chaves e **Direito à vida e ao próprio corpo**, que tenho o pri-

vilégio de apresentar à classe médica, é peça fundamental nesse estudo!

A redação é de estilo fluente com precisão de palavras, raciocínio lógico e didático. O conteúdo é abrangente e trata de um largo espectro de temas atuais como *transplante de órgãos* para citar apenas um dentre cento e quarenta e seis itens contidos em sete capítulos. Em todos atinge o âmago da questão.

Pela temática e metodologia representa em questão de *quantidade do saber* uma parte do que o médico não pode ignorar. Sua leitura impõe-se. Recomendando-o aos meus colegas, particularmente aos Médicos Residentes e aos alunos dos Cursos de Medicina Legal das Faculdades de Medicina, de Direito e de Odontologia. O leitor também deve lê-lo para aprimorar sua cultura geral.

O livro do professor Chaves é uma contribuição para o país engajar-se no grupo dos desenvolvidos, para que as *previsões*, não se transformem *predições*.

Irany Novah Moraes é Presidente da Federação Brasileira de Academias de Medicina

Vida Cultural

No último dia 18 de outubro, a APM comemorou o Dia do Médico, realizando em sua sede social sessão solene, em cuja ocasião foram entregues três Placas de Prata da entidade a personalidades da Medicina que se destacaram pelos serviços prestados à coletividade.

Os homenageados foram: Antonio Ermírio de Moraes, saudado por Raul Marino Júnior, Darcy de Mendonça Uchoa, saudado por Edmundo Maia, e Duílio Crispim Farina, saudado por Guido Arturo Palomba, cujo discurso de saudação, completo, está publicado neste suplemento.

Ao evento compareceram renomados intelectuais paulistas, mestres da Medicina e do Direito, entre eles Paulo Bonfim, Pessanha, Nelson Proença, Matilde Sutter, José Altino Machado e José Celestino Bourroul.



Inserindo-se nas comemorações do Dia do Médico, o Clube do Cinema da APM exibiu "Um golpe do Destino" (The Doctor), dirigido por Randa Haines e protagonizado por William Hurt. Ao final da apresentação, Décio Drummond comentou o denso e incisivo filme, que narra a história de famoso cirurgião, diretor de departamento de um grande hospital que, por um golpe do destino, passa a ser paciente de seus colegas.

A maneira como enfrenta a irônica troca de posições resultou, para Décio Drummond, no que o filme tem de sensível, de verdadeiro e, acima de tudo, de perturbador. São palavras do crítico: "... o médico é um ser como que unido de divindade. Atualmente, ele está podendo conservar Eros por um tempo muito mais longo. Pena é que alguns médicos - como o protagonista do filme - se deixem inebriar por essa sensação de divindade, fechando-se no interior de uma redoma de cristal, esquecendo-se de que, ele próprio, era uma parcela da humanidade de que se afastara ao sufocar a sua percepção dos valores autênticos da existência".

G.A.P.